

O RENASCER VIANENSE

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA VIANENSE DE LETRAS

ANO III Nº 8 VIANA-MA, NOVEMBRO DE 2004



Editorial

FRUSTRAÇÕES E ESPERANÇAS

A sociedade vianense resistiu a mais uma luta política que dividiu a população em grupos opostos, separou amigos e até famílias foram partidas ao meio.

Elegeu-se mais um prefeito para administrar nosso município. E agora? O que se pode esperar do prefeito eleito?

A campanha eleitoral esvaiu-se em insultos e artimanhas para cada candidato vencer o adversário. Os grandes projetos de que precisamos não restaram na memória do eleitor para serem cobrados no dia-a-dia. Será que teremos apenas um continuísmo modorrento, sem inovações, sem planos, sem urbanização responsável da nossa cidade?

Viana tornou-se uma terra de identidade híbrida. Com a destruição de suas residências antigas, perdeu grande parte de sua condição de cidade histórica. Com o progresso desordenado e o avanço da cidade para os lados da Barra do Sol, estabeleceu-se uma outra cidade, suja e sem plano de urbanização. Aliás, a entrada da cidade já é uma amostra triste dessa falta de administração.

Como uma cidade de dupla identidade, entre um resquício de histórica e um mal arranjado modernismo, Viana clama por uma administração que estabeleça definições, com planos urbanísticos que se adaptem ao Estatuto da Cidade, a serviço da população. Precisa-se de um administrador que tente recuperar o tempo perdido e projete Viana para o futuro.

O turismo ecológico, se desenvolvido principalmente no inverno, com certeza, trará muitas vantagens econômicas para a cidade. O apoio cultural às atividades desenvolvidas pela nossa Academia também repercutirá positivamente em favor do prestígio da tradição vianense.

A Câmara Municipal, onde se encontram os representantes do povo, precisa assumir o papel de fiscalizar e cobrar do Prefeito Municipal mais projetos em benefício de Viana.

O clientelismo eleitoral deve ser afastado de qualquer projeto de urbanização da cidade. Por exemplo, o Parque Dilú Mello, no Areal, deixou de ser transformado num local estruturado de embelezamento e ponto turístico da cidade para tornar-se um grande mercado aberto, com casas residenciais amontoadas, sem unidade de propósito, sem nada que demonstre o que se esperava de um lugar de destaque e tão privilegiado. Esse mesmo gesto de favores aos apaziguados do poder está se verificando na Avenida Luís de Almeida Couto, perdendo-se oportunidade de ali se estruturar uma avenida larga, arborizada e bem iluminada. Ao contrário, permite-se que casas e mais casas sejam construídas sem qualquer critério, em terrenos públicos. São os favores do poder em detrimento da seriedade administrativa.

Viana está desse modo, mais uma vez, vivendo suas frustrações e esperanças. Vamos torcer para que nossas esperanças sejam atendidas e suficientemente fortes, a fim de não aumentarmos o peso de nossas frustrações.

Que o futuro nos favoreça!

SOBRADO DO DR. OZIMO DE CARVALHO



Prédio de grande tradição histórica foi construído em 1835 (quando a cidade de Viana tinha apenas 78 anos de fundação) por um português chamado Manuel Antônio de Sousa.

A informação de que o Duque de Caxias teria dançado nesse sobrado parece meio equivocada: os mais velhos costumavam contar que o futuro duque havia se hospedado ali e que o baile, em sua homenagem, acontecera na sede da Prefeitura. De qualquer modo, se Luiz Alves de Lima não dançou no sobrado, foi seu hóspede, o que só fazia aumentar o valor histórico do prédio.

O imóvel pertencia a um irmão de Ozimo, chamado Sinhô Carvalho (Raimundo Eustáquio Alves de Carvalho), casado com D. Fabriciana. Com a morte do Sinhô, a viúva mudou-se para São Luís, onde se casou novamente. Nesse período, residiu no prédio com sua família o Dr. Francisco Xavier dos Reis Lisboa Filho, 3º Juiz de Direito a ocupar o cargo na comarca de Viana e fundador do jornal vianense intitulado "A Imprensa".

Em 1924, depois de ter retornado à cidade alguns anos antes, o Dr. Ozimo de Carvalho, adquiriu o imóvel dos herdeiros de seu irmão, transformando-o em residência e local de trabalho, quando ali passou a funcionar a Farmácia Brasil e a redação do jornal "A Época", fundado em 1929 pelo intelectual vianense.

Bastaria, portanto, o fato do Dr. Ozimo ter ali residido e trabalhado para que o prédio ganhasse inestimável valor histórico. Mas, além do famoso pacificador da Balaiada, outras personalidades importantes da política e da literatura maranhense também se tornaram hóspedes daquela casa, como os governadores Aquiles Lisboa e Magalhães de Almeida, o Deputado Federal Lino Machado, o Presidente da UDN-MA, Alarico Pacheco e os irmãos escritores Antonio e Raimundo Lopes.

Foram inúteis as tentativas do Departamento do Patrimônio Histórico do Maranhão, enviando vários representantes a Viana, em 1988, no intuito de dissuadir o prefeito municipal Walber Du-

ailibe da intenção de demolir essa relíquia histórica para construção, no mesmo local, do Hotel Vianense. Insensível e autoritário, o prefeito mandou por abaixo o sobrado, logo após os técnicos do D.P.H. terem retornado a São Luís. Hoje, no local onde existiu o prédio, existe apenas o silêncio e o vazio de um terreno abandonado, como a mostrar uma lacuna, uma ferida aberta na memória vianense...

Salvio Mendonça



HISTÓRIA DE UM MENINO POBRE

São Luís - MA
2004

A AVL estará lançando a 2ª edição do livro de autoria do Dr. Salvio Mendonça, **História de um Menino Pobre**, na noite do dia 20/11/04, no Grêmio Recreativo Vianense.

A obra é um retrato perfeito da cidade de Viana do início do século passado.

ESTÊVÃO MAYA-MAYA

O canto vianense em dó maior

Luiz Alexandre Rapôso

Nascido no povoado de Pano Grosso, José Estêvão Maia veio para Viana em 1948, quando tinha apenas cinco anos de idade. O menino ficou com uma tia-avó que morava no final da atual Rua Amélia Carvalho, nas vizinhanças do antigo Solar dos Carvalhos, residência da lendária professora Cóia Carvalho. E foi assim, por uma dessas contingências da vida, que desde cedo teria contato com a música erudita, ouvindo óperas e operetas que a octogenária professora tocava no velho gramofone do solar.

No ano seguinte, quando Dilú Mello fez sua apoteótica visita à cidade e quis abraçar a antiga mestra das primeiras letras, o pequeno Zé Estêvão estava lá, juntamente com toda a vizinhança, para assistir ao emocionante encontro das duas. O garoto, então, entre curioso e fascinado, pôde ouvir pela primeira vez uma cantora de verdade soltar a voz: atendendo aos apelos das pessoas que se comprimiam na sala ou espiavam pelas janelas, Dilú interpretou ali alguns de seus sucessos radiofônicos, como a valsa *Lá na Serra* e o animado baião *Tudo é Verdade*.

Desse período da infância outras lembranças ficariam gravadas na memória, como as toadas de boi que gostava de cantar, o aprendizado do ofício de alfaiate e as aulas do curso primário na extinta Escola Paroquial, de onde seria expulso, no último ano, por ter freqüentado a festa de São Benedito da Barreirinha, promovida pela Igreja Brasileira. Uma colega de turma o denunciou ao Padre Manoel Arouche e, por esse pecado, Estêvão foi banido da escola. Com a ajuda da professora Celeste Carvalho matriculou-se no Colégio São Sebastião, onde fez a 5ª série e concluiu o primário.

Como naquele tempo, os apelidos eram muito comuns na cidade, logo ficaria conhecido como “Zé Baixinho”, por não ter alcançado uma boa estatura física. Ainda na adolescência, entregou-se a dois hábitos prazerosos: cantar em serestas e jogar cartas. O primeiro tinha um certo ar de virtuosidade, enquanto o outro era extremamente perigoso. Por ironia da vida, o segundo acabou provocando um encontro inusitado que alavancaria o primeiro. No verão de 1962, depois de perder várias partidas em um dos ranchos de pescadores que, naquela época, eram armados na ilha de Sacoã, retornou no dia seguinte para pagar seu débito e reaver o baralho empenhado. Coincidentemente, o bem sucedido comerciante José Pinheiro estava por lá, acompanhando o cunhado, Padre João Mohana, em um passeio de canoa. Ao vê-lo, o comerciante o chamou para apresentá-lo ao padre, elogiando suas qualidades vocais. A pedido do sacerdote, tímido e envergonhado, Zé Baixinho cantou um pequeno trecho de uma canção.

A partir desse momento, o desenrolar de sua vida mudaria completamente. Estimulado pelo sacerdote, Estêvão viajou para São Luís, a fim de submeter-se a um teste para a antiga Academia de Música do Ma-



ranhão. As passagens de ida e volta (para o caso de não lograr aprovação) lhe foram doadas pelo Sr. José Pinheiro. O jovem vianense, então com 19 anos, não só foi aprovado como caiu nas graças do professor Bruno Wizuj, um polonês radicado no Brasil que, por coincidência, tinha o seu mesmo tipo de voz.

Com a ajuda do Padre Mohana conseguiu uma vaga no Centro Guaxenduba, tradicional alojamento para rapazes carentes vindos do interior do Estado, e um pequeno emprego de auxiliar numa alfaiataria da Rua Afonso Pena. Depois passaria a trabalhar como sacristão do Monsenhor Frederico, ajudando nas missas, lavando e arrumando a igreja. Em 1963, como um dos cantores do Coral do Maranhão, viajou para o Rio de Janeiro, quando o grupo se apresentou no tradicionalíssimo Teatro Municipal.

De volta a São Luís, o cantor foi adotado pela elite intelectual da época (composta por Carlos Cunha, José Chagas, Nauro Machado, Ubiratan Teixeira, Lopes Bogéa e outros) acompanhando-os na boemia pelos bares da cidade. Certa noite, quando desciam a pés pela Rua do Passeio, um deles lhe pediu para cantar alguma coisa. Sem se fazer de rogado, interpretou uma canção do folclore russo, causando forte impressão ao professor Nascimento Moraes, que os acompanhava dessa vez.

Estêvão ganhava assim mais um importante aliado. Sem demora, angariando donativos junto aos irmãos maçônicos, o conceituado mestre tratou de encaminhá-lo para a Bahia, a fim de que o jovem vianense pudesse continuar os estudos de canto. Em 1966 desembarcava em Salvador, para bacharelá-se, dois anos depois, em *Música no Teatro*, pela Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia.

Dono de uma voz rara e potente, a qual lhe abria portas para o crescimento intelectual e realização profissional, José Estêvão Maia – que adotaria o nome artístico de Estêvão Maya-Maya – não pararia por aí: platéias do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina e São Paulo aplaudiriam o seu talento. Sua experiência como cantor lírico, hoje, inclui recitais e concertos como solista, acompanhado de renomados pianistas e de grandes orquestras como a Sinfônica do Estado de São Paulo. Em Buenos Aires teve a glória de cantar no famoso Teatro Colón, no mesmo palco onde, em 1923, a conterrânea Dilú Mello (quando contava apenas 10 anos de idade) também se apresentara num célebre recital de violino.

Dedicando-se há mais de 40 anos à música tanto popular como erudita, seja como cantor ou regente, o maestro Maya-Maya se diz em constante processo de aprendizado. Sua voz, classificada como baixo profundo e que alcança uma extensão de aproximadamente três oitavas é um privilégio divino que ele soube lapidar com estudo, trabalho e mui-

to sacrifício.

No seu extenso currículo constam a atuação na ópera *Jesus Christ Superstar* e a conseqüente gravação do LP da versão brasileira (interpretando o personagem Caifás) e a direção musical do espetáculo *Hair*, em São Paulo (ambos em 1972) e o show *Síntese da História do Jazz* (1982/83), entre outros. Como pesquisador da música brasileira e afro-brasileira possui trabalhos de direção musical como na ópera *Ongira: grito africano* (1980) e a gravação da trilha sonora do seriado *Abolição*, da Rede Globo, com o Coral Cantafro (1988).

No campo da literatura, em parceria com o poeta maranhense Vilmar Ribeiro, publicou uma coletânea de poesias com o título de “*Cantiga para gente de casa chegada em cima da hora*”. O livro, vendido de mão em mão, alcançou a extraordinária tiragem de 4.900 exemplares. Em 1982 veio a segunda obra, intitulada “*Regresso Triunfal de Cruz e Souza e os Segredos de Seu Bitá Dá-Nó-em-Pingo-d’Água*” que reúne dois trabalhos distintos: a primeira parte tem o propósito de combater informações distorcidas sobre o poeta simbolista, e a segunda, de divulgar um longo poema sobre as mazelas infantis vividas em Viana.

Aos 61 anos, Estêvão Maya-Maya reside em São Paulo e não pensa ainda em parar. Atualmente tem-se dedicado às artes cênicas, seja atuando ou dirigindo peças. No cinema participou como ator dos filmes “*Sonhos Tropicais*” de André Sturm (2000) e “*De Passagem*” de Ricardo Elias (2002), tendo este último obtido cinco prêmios no penúltimo Festival de Gramado.

Principal homenageado do 8º MARACANTO (Festival Maranhense de Canto Lírico), realizado em São Luís no início de agosto p.p., pelo Departamento de Assuntos culturais da UFMA, Estêvão retornou ao Maranhão, depois de alguns anos de ausência. Aproveitou a viagem para uma rápida visita a sua cidade natal, mas prometeu voltar em maio próximo, quando deverá assumir a cadeira de nº 23 da Academia Vianense de Letras, para a qual foi eleito recentemente.



O maestro Estêvão Maya-Maya regendo o Coral Sabesp, em São Paulo

O RENASCER VIANENSE

Diretor/Redator: Luiz Alexandre Rapôso

Endereço: Rua Antônio Lopes, 459 - Viana - MA
CEP: 65.215-000



UM ACADÊMICO, UM PATRONO

ROSA MARIA PINHEIRO GOMES

Do Magistério ao Ministério Público

Luiz Alexandre Rapôso

Filha de humildes lavradores, Rosa Maria Pinheiro Gomes nasceu no povoado de Bom Jardim (Monção), em 22/08/1937. Aos dois anos de idade foi adotada pelo casal Raimundo Coelho Pinheiro e Zoeth Cunha Pinheiro, proprietários da fazenda Serra Azul, localizada naquele município. Dos pais biológicos, Raimundo Garcês Gomes e Ovídia Rocha, a futura imortal vianense, infelizmente, não guardou nenhuma lembrança.

Aos oito anos mudou-se com os pais adotivos para Viana, onde foi matriculada no Grupo Escolar Estevam Carvalho, tornando-se aluna de célebres professoras como Celeste Carvalho, Santoca Pinheiro e Maroca Gomes. Depois de concluir com brilhantismo, em 1950, o curso primário, viajou para São Luís, a fim de continuar os estudos no conceituado Colégio Rosa Castro. Oito anos mais tarde, retornava a Viana com o diploma de professora normalista debaixo do braço.

No ano seguinte, em 1959, nomeada como professora do Estado foi designada para ensinar no mesmo Grupo Escolar onde havia estudado. Antes, porém, do início desse ano letivo, casou-se com Belarmino Pereira Gomes, numa cerimônia simples, realizada na Igreja Matriz, sob as bênçãos do então jovem sacerdote, Heitor Piedade Júnior.

A carreira da competente profes-

sora estava apenas começando. Em 1968 concluiu o curso de Supervisão Escolar, mas mesmo exercendo a nova função de supervisora não abandonaria a sala de aula. Além de lecionar *História Geral* no Ginásio Prof. Antônio Lopes, ensinaria as disciplinas de *Sociologia Educacional*, *Psicologia da Educação* e *História do Maranhão* na recém-fundada Escola Normal Nossa Senhora da Conceição, da qual também se tornaria a primeira diretora.

A sede do saber, que sempre lhe instigara o espírito, servir-lhe-ia de mola propulsora por toda a vida. Em 1971, depois de afastar-se da direção da Escola Normal, voltou a São Luís planejando continuar os estudos. A primeira opção, naturalmente, recairia sobre o curso de Pedagogia (habilitação em Supervisão Escolar), só que desta vez ao nível de terceiro grau. Enquanto estudava, trabalhava na equipe de currículo da Secretaria de Educação do Estado e ministrava cursos de capacitação para professores leigos e titulares do interior, durante as férias. Nesse período, também atuaria como



supervisora escolar em Pedrinhas e nas escolas supletivas da capital.

Em 1975, prestou vestibular para o curso de Direito, na UFMA. Aprovada, não quis perder a chance de dar um novo rumo à vida profissional, embora o marido e os filhos menores, por força das circunstâncias, ainda continuassem residindo em Viana.

Cinco anos depois, em 20/07/1979, já com toda a família reunida em São Luís, a ex-professora bacharelou-se em Direito. Um mês após a formatura, submetia-se ao concurso para Promotor de Justiça. Novamente aprovada, começaria sua odisséia pelo interior maranhense. A primeira comarca foi a de São João Batista, onde trabalharia durante um ano e sete meses. Seguiriam-se Itapecuru-Mirin (quatro anos e dois meses) e Pedreiras (cinco anos e três meses) até chegar à 4ª entrância, em São Luís, em 1993. No ano seguinte seria promovida a Procuradora de Justiça, atuando na 1ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça desde então. Como representante do Ministério Público Estadual, exerce ainda

a função de conselheira do Conselho Estadual da Mulher.

Casada há 45 anos, essa matriarca de uma prole de quatro filhos, quatro netos e três bisnetos pode ser considerada, hoje, uma autêntica e aguerrida representante da mulher da Baixada Maranhense. Na busca do crescimento intelectual e social, não permitiu que os obstáculos naturais lhe impedissem a realização de seu objetivo. Em que pesem tantos méritos, Rosa Maria reconhece humildemente a sorte que a vida lhe reservou, ao ser adotada por uma família de melhor poder aquisitivo: “Se não fosse assim, hoje eu poderia ser uma simples quebradeira de coco”.

Sobre Viana, cidade da qual nunca se afastou definitivamente, conserva nítidas e agradáveis lembranças do passado: as brincadeiras infantis de cantigas-de-roda com as inseparáveis companheiras Baducha Gomes, Benedita Rocha e Rosaura Lauleta; a influência benéfica das antigas professoras Celeste Carvalho e Zeila Lauleta; a concorrida festa de Nossa Senhora de Nazaré e – já na adolescência, quando vinha de São Luís para as férias escolares – os bailes carnavalescos na famosa “Gruta de Satã”.

Membro fundador da Academia Vianense de Letras e titular da cadeira nº 15, que tem Anica Ramos como patrona, a atual Procuradora de Justiça, Rosa Maria Pinheiro Gomes sintetiza com veemência: “Tudo o que sou, devo a Viana”.

EDITH NAIR FURTADO DA SILVA

Um expoente da educação vianense

Padre Eider Furtado da Silva

“Nesta casa residiu e faleceu em 09/11/1992 Edith Nair Furtado da Silva, notável professora de várias gerações de vianenses.”

O registro acima transcrito se lê numa pequena placa de cor azul fixada na parede de frente da casa nº 166 da Rua Dom Hélio Campos, na cidade de Viana. Outras placas sinalizam também outros prédios onde moraram os demais patronos da recém-criada Academia Vianense de Letras.

Realmente residiu nessa casa Edith Nair Furtado da Silva desde o ano de 1928, quando foi nomeada professora da Escola Primária de Viana. Nascida no Barro Vermelho (hoje cidade de Cajari), em 28/06/1904, Edith, terceira dos sete filhos de Francisco da Silva Sobrinho e Maria Furtado da Silva, fez o curso primário na Escola Mixta Estadual de Barro Vermelho, regida pela então professora Filomena S. da Silva Barbosa. Em seguida, foi para São Luís, sob as expensas de seu tio e padrinho Cel. Nelson Serejo de Carvalho, a fim de continuar os estudos, iniciando-os no conceituado Instituto Rosa Nina e continuando no Colégio Santa Tereza. Em 1925 concluiu o curso normal, sendo nomeada, no mesmo ano, como professora da Escola Mixta de Monção, cidade em que morava e era chefe político o seu tio Nelson.

Após a morte do Cel. Nelson, em cuja casa morava em Monção, e com o falecimento também de seu pai, conseguiu a jovem normalista transferir-se para Viana, trazendo

consigo sua mãe e os irmãos do Barro Vermelho. A família veio residir no antigo e já arruinado prédio, onde seu genitor se criara e o qual herdara do tio e pai adotivo, Francisco Raimundo da Silva, conhecido por *Chico Gato*, gracioso epíteto passado aos seus descendentes. É nesse prédio que se encontra a placa acima citada.

A professora Edith lecionou em todas as principais escolas de seu tempo em Viana. Logo após sua chegada assumiu a cadeira de francês no Instituto Dom Francisco de Paula. No Grupo Escolar Estevam Carvalho exerceu a função de secretária e durante cerca de quinze anos encarregou-se da turma concludente, a 5ª série. No Grupo Escolar Dom José Delgado, no período de 1950/1966 lecionou e por fim também se tornou diretora. Ensinou ainda no Ginásio Bandeirantes, no Dom Hamleto de Angelis e na Escola Normal Nossa Senhora da Conceição. Foi professora do Ginásio Prof. Antônio Lopes desde junho de 1964, tomando-se sua diretora de 1969 a 1972.

Sempre ávida de maiores conhecimentos, sobretudo na disciplina de sua preferência, Geografia, participava sempre que lhe era possível de



cursos, reciclagens etc. No último deles, promovido pela Companhia de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário, realizado em São Luís, recebeu expressiva homenagem por parte do orientador, professor Kalil Mohana, que tinha sido seu aluno em Viana.

No curso primário, Edith foi minha professora. E me considero feliz de ter sido seu aluno. Ela era professora-mestra na escola, em casa, na família. Por ter sido o irmão que mais privou da sua companhia, em particular no período da adolescência, guardo dela imorredouras lembranças. Dentre outras, recordo-me que, após um pequeno castigo que me impôs na escola, disse: “A justiça para ser boa deve começar pelos de casa.” Do castigo, porém, eu não gostei. Afeiçoado ao uso da colher nas refeições, tive muita dificuldade em aprender, quando menino, a manejar o talher e passar a usá-lo nas refeições com a recomendação, nada fácil, de não ficar em “posição de quem quer voar”. Ainda garoto aprendi com Edith que o número 14, embora se escreva **quatorze** deve-se pronunciar **catorze**. Cheguei a viajar com ela, através do Mapa Mundi, pelo

Mediterrâneo, mar Cáspio, Cordilheira dos Andes, Rússia e mundo afora. Só não tive a sorte de seu ex-aluno, Lourival Serejo, que conheceu e viu *in loco* lugares e cenas por ela descritos em sala-de-aula, como narra neste trecho de seu livro “Do Alto da Matriz”:

Dona Edith... professora tão completa que se torna difícil encontrar um adjetivo capaz de resumir seu talento. Seus méritos e competência foram reconhecidos em vida, por todos os seus alunos e colegas de magistério. Todo seu corpo participava das suas aulas. Ela tentava colocar a Cordilheira dos Andes, os oceanos, o Saara, o Mediterrâneo, os continentes, tudo na nossa cabeça como num passe de mágica e, nessa caminhada, nós virávamos alpinistas, beduínos e exploradores; só quando acabava a aula é que nos descobríamos sentados numa carteira. O lago Titicaca, a Sibéria, os Pireneus, Vladivostok, a Ilha de Páscoa, todos os acidentes geográficos, e Dona Edith mostrando para nós a particularidade de cada um. Na verdade, ela os mostrava, com todas as cores. Suas aulas de geografia eram como um filme que ia passando. Empolgando e impressionando. Seus olhos escuros, nos dias de prova, eram incerteza da vigilância. Para que lado ela estava olhando?

Muito tempo depois, tive uma experiência que reforçou ainda mais minha admiração por ela. Indo a Manaus, participei de uma excursão turística ao encontro das águas do Rio Negro com o Solimões. Admirei aquele fenômeno, mas não senti a mesma empolgação que, na sala de

CONTINUAÇÃO EDITH NAIR...

aula, sentira ao ouvir Dona Edith descrever o embate das duas águas. Despertou-me, então, uma curiosidade: será que ela tinha estado lá? Depois fui informado pelo padre Eider, seu irmão, de que ela nunca estivera em Manaus. Fiquei impressionado.”

A educação religiosa herdada de sua família e aprimorada pelas Irmãs Dorotéias, no Colégio Santa Tereza, além de torná-la católica praticante, fê-la atuante auxiliar nos trabalhos da Igreja. Foi durante muitos anos catequista na escola e na paróquia. Foi também membro efetivo de Associações como as de São José, Coração de Jesus, Pia União das Filhas de Maria e Legião de Maria.

Já no ocaso de sua vida, viu-se Edith, de certo modo, privada de suas atividades na igreja, primeiramente por ser, como o foi toda a família, solidária à minha pessoa, a maior vítima da inconcebível e descabida situação criada pelo bispo de então contra os agentes de pastoral – padres, freiras e leigos – que seguiam a linha de trabalho de seu falecido antecessor. Depois, também, para poder prestar melhor assistência à nossa mãe, a quem acompanhou com todo desvelo e amor até o fim de seus dias. E por fim, em razão do agravamento do seu próprio estado de saúde que a prendeu ao leito até seu falecimento. A sua fé, porém, nunca se arrefeceu. Ao contrário, cada dia tornava-se mais viva e amadurecida.

No dia da morte de Edith, durante o velório realizado em nossa casa, com a ajuda do Mons. Wilson Cordeiro e dos padres Venâncio Pereira e José Ribamar Costa, celebramos uma missa de corpo presente. Na ocasião, sua ex-aluna, professora Maria Vitória dos Santos, fez um belo pronunciamento, do qual transcrevo o último parágrafo:

“Dona Edith... Viana dificilmente terá a glória de contar com outra professora de geografia do seu porte e quilate. Nunca haveremos de esquecer da felicidade com que a senhora usava o quadro e o giz, para desenhar os mapas dos continentes ou mesmo dos países que estávamos a estudar. Com a senhora a gente viajava e conhecia o mundo, e como a senhora nos ensinou que as estrelas têm suas cores determinadas pelos anos luz, a sua estrela deverá brilhar bem forte iluminando as mentes dos seus ex-alunos no futuro.”

Outra ex-aluna, professora Maria da Conceição Alves Reis, fazendo parar o enterro de Edith, quando o cortejo passava em frente ao Ginásio Professor Antônio Lopes, proferiu as seguintes palavras:

“Professora Edith, a voz do Colégio Antônio Lopes não poderia deixar de ser ouvida neste dia de sua passagem para a eternidade. Hoje um misto de saudade e de tristeza domina os seus conterrâneos e os seus ex-alunos.”

Muitas gerações, que por aqui desfilaram, ouviram atentas os seus ensinamentos. O mundo ficava bem menor e sem barreiras, durante suas aulas de geografia.

Recebe, professora Edith Nair Furtado da Silva, o preito da nossa homenagem traduzida em nome daqueles que lhe ouviram e lhe amaram. Que junto de Deus, a senhora descanse o sono dos justos, velando sempre pela juventude de nossa terra.”

Por iniciativa de notáveis filhos de Viana foi fundada, nesta cidade, e instalada no dia 4/05/2002 a Academia Vianense de Letras. Na relação, escolha e distribuição dos nomes para servirem de patronos às quarenta cadeiras da AVL, coube à professora Edith Nair Furtado da Silva a patronímia da cadeira nº 2.

HONRA AO MÉRITO

MARIA SEREJO

Três décadas de serviços prestados, na área da saúde, à coletividade vianense

Em reunião solene, na noite do dia 20/11/04, no Grêmio Recreativo Vianense, a ex-enfermeira D. Maria Serejo receberá homenagem especial da AVL

Nascida no povoado do Barro Vermelho (atual Cajari), em 15 de fevereiro de 1915, Maria da Purificação Serejo fazia parte de uma família numerosa de 15 irmãos. E por serem tantos, o pai não tinha condições de custear os estudos de todos os filhos, optando então em investir apenas na formação acadêmica de um deles, Izabel. A oitava filha da prole, entretanto, decidida a estudar enfermagem não se deixava vencer pelas dificuldades financeiras da família. Pré-adolescente, já fazia bolos e manuês para vender, no intuito de arrecadar algum dinheiro que pudesse servir para pagar seus estudos futuros. Até um boi de sua propriedade também foi vendido com essa finalidade.

Aos quinze anos, em 1930, conseguia realizar seu grande sonho. Viajava para São Luís, a fim de se tornar aluna do famoso Instituto de Assistência à Infância “Benedito Leite”, o qual funcionava na Rua Rio Branco, no mesmo prédio onde se instalaria, décadas depois, a antiga Faculdade de Enfermagem. A “Assistência”, como era mais conhecido o instituto, abrigava uma maternidade, um hospital infantil (para as aulas práticas), uma creche e uma farmácia.

O curso de enfermeira-parreira teve duração de três anos. Depois de um ano trabalhando como enfermeira particular em casas de família, retornou ao Barro Vermelho, para exercer a profissão escolhida. Com a colação de grau de sua irmã mais velha, Izabel, em Farmácia, sua vida ganharia novo rumo. O pai, a fim de incentivar a profissão da filha recém-formada, decidiu montar uma farmácia na cidade de Viana. Assim, para acompanhar e ajudar a irmã nos negócios, Maria Serejo veio residir em Viana, em meados da década de 30. Por serem jovens, bonitas e solteiras, as irmãs Serejo não demorariam a conseguir uma fiel clientela. Logo a farmácia ganharia fama, na cidade, como “a farmácia das moças”.

Certo dia, um rapaz moreno, elegantemente trajado, saltou de seu cavalo preto e entrou na farmácia para comprar *Guaraina*, um analgésico muito utilizado. Era apenas um pretexto para conhecer as novas farmacêuticas.



A jovem enfermeira na época da “Farmácia das Moças”

O rapaz se chamava Antonio Azevedo e o namoro começava a partir dali com a mais jovem das irmãs.

Dois anos depois, com o casamento de Izabel, Maria voltou para São Luís. A nova estada na capital, entretanto, não demoraria muito, pois já de namoro firme com o jovem fazendeiro, retornaria a Viana poucos meses depois para também aqui se casar. A cerimônia religiosa realizou-se na Igreja Matriz, na véspera do Natal de 1937, e a recepção aconteceu na casa da madrinha e grande incentivadora, professora Zilda Dias. O casal foi morar de início em Matinha, para depois fixar residência na Fazenda Santo Antônio.

Durante todo esse tempo, Maria Serejo (que se tornou Maria Serejo Azevedo com o casamento) nunca deixou de atuar como enfermeira e partei-

ra. Foram centenas de mães de Viana, Matinha e redondezas que puderam contar com seu prestimoso auxílio. Inúmeras vezes, quando o caso da parturiente complicava, foi requisitada pela colega de profissão, Santinha Neves, para lhe dar uma ajuda. A partir de 1949, com a chegada de Enedina Raposo na cidade, e na falta do médico, as três costumavam se reunir para resolver os casos mais difíceis.

Devota fervorosa de São Raimundo, a quem sempre recorria nas situações de grande aflição, Maria Serejo foi uma profissional competente e responsável durante seus 35 anos de serviços prestados à comunidade local. Nem mesmo ela sabe precisar, ao certo, quantos vianenses ajudou a vir ao mundo.

Do casamento com Antônio Azevedo, vieram sete filhos, todos batizados como Raimundo ou Maria: Raimundo Antônio, Raimundo João, Raimundo José (Zeca-falecido em 2001), Maria Inez (Nita), Maria da Conceição (Concita), Raimundo Benedito (Bibi) e Maria do Socorro.

Viúva desde 1972, D. Maria Serejo vive hoje em São Luís, cercada pelo carinho dos filhos e netos. Prestes a completar 90 anos, bastante lúcida e ainda muito vaidosa, essa cajariense de nascimento e vianense por adoção pode se considerar uma mulher realizada e de paz com a vida. Além de cumprir sua missão de esposa e mãe, teve a graça divina de bem servir à comunidade que, um dia, a acolheu de braços abertos.



D. Maria Serejo, hoje, cercada pelo carinho dos filhos